

Mário Santiago de Carvalho, *Falsafa*. Breve introdução à filosofia arábico-islâmica (Coimbra: eQuodlibet, Instituto de Estudos Filosóficos, 2020). 172 pp. ISBN: 978-989-54-3285-1.

1.

Esta obra¹, primeiramente publicada em Coimbra pela Ariadne Editora, no ano de 2006, conheceu a sua segunda edição no final de 2020. Trata-se do número 8 da coleção filosófica eQuodlibet que, dedicada exclusivamente a títulos de filosofia, publica em linha textos originais ou inéditos em português, castelhano, francês e inglês, sendo administrada sob o selo editorial da Unidade de I&D IEF – Instituto de Estudos Filosóficos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em concordância com as políticas de acesso aberto, podendo por isso ser facilmente acedida e descarregada gratuitamente, quer através da página Web do IEF (in https://www.uc.pt/fluc/uidief/colecoes_eqvodlibet), quer de plataformas como Estudo Geral ou OpenAIRE.

O autor, é Professor Catedrático de Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e Coordenador Científico do IEF. Dirige a *Conimbricenses.org*, uma enciclopédia disponível em linha, aberta e gratuitamente, que constitui a fonte de informação mais completa e atualizada sobre o aristotelismo coimbrão. Carvalho é reconhecido, a nível internacional, como uma das máximas autoridades consagradas à investigação sobre a tradição filosófica de Coimbra. A sua obra escrita tem sido publicada em numerosas línguas europeias, assim como em língua chinesa. O perfil do autor, à primeira vista, é desfavorável a um empreendimento voltado para a divulgação científica, dirigido para o vasto público, como o autor assegura ser o caso da obra que aqui recenseamos. A razão é simples: é de esperar que um investigador de tão alto calibre e sumamente experimentado já se tenha perdido em virtudes linguísticas e pontos de vista próprios do mais alto grau de especialização. Por outras palavras, é previsível que a base comum para a comunicação com o público geral não se encontre ao alcance de Carvalho. A comunicação, para ser eficaz, precisa duma posição concertada, um terreno comum, um espaço partilhado e de entendimento entre os interlocutores. Em virtude disto, e porque o chão do especialista é, por definição, chão raro, vale a pena perguntar: será que Carvalho foi capaz de transcender o plano incomum onde desenvolve as suas investigações a fim de, conforme propõe, tornar acessível ao público em geral uma história da *falsafa*, isto é, da filosofia arábico-islâmica?

2.

¹ A presente recensão foi redigida em busca de dar resposta digna ao desafio lançado em Cultura Científica e Comunicação de Ciência, unidade curricular ministrada por Ana Sanchez e António Granado, que frequentamos no âmbito da Pós-Graduação em Gestão e Políticas de Ciência e Tecnologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa.

No dia 11 de setembro de 2001, tinha eu nove anos. Foi no café ao lado da escola primária de Macieira de Cambra, para onde a estudantada da Professora Esmeralda ia a fim de comprar gomas, que assisti às notícias de última hora, lado-a-lado com o meu pai, João ‘Biafra’, e vários outros senhores e senhoras. Ilustradas pela gravação em vídeo de pelo menos um dos aviões a colidir com o corpo de um imponente arranha-céus, as notícias mostravam uma construção tão imensa que aquelas pessoas desesperadas, a saltar do *não-sei quantésimo* andar, não pareciam ocupar mais espaço na atmosfera que uma gota de chuva, pelo menos quando vista de perto. As incidências relacionadas com o terrorismo foram-se articulando no tempo. *Inter alia*, houve em 2002 um ataque na Indonésia; em 2004 em Espanha; em 2005 na Inglaterra; em 2006 e em 2008 na Índia; em 2010 em Uganda e na Rússia; nesta, tal como na Alemanha, também houve ataques em 2011, menos de dez anos depois dos ataques de setembro de 2001. Pouco depois destes últimos atentados, ainda em 2011, mas já em maio, Osama bin Laden foi assassinado no Paquistão, cerca de quinhentas semanas depois da eclosão da guerra no Afeganistão, o mais duradouro esforço bélico na história dos Estados Unidos da América. Após os ataques às Torres Gémeas de Nova Iorque, expressões como “guerra ao terrorismo” passaram a fazer parte de quotidianas conversas de café, escola ou mesa de jantar. Na realidade que eu conheci ao longo da minha adolescência, nem toda a gente fazia a distinção entre Islão e terrorismo e, portanto, a dimensão afetiva que se apoderava de muitas boas almas na recusa ao terror era vertida em igual medida na jarra de interior reservada à religião muçulmana.

Em cenário de guerra, o diálogo intercultural corre o risco de ser percebido como traição. Dialogar e apelar ao diálogo com a língua e a cultura árabes e a religião de Maomé a partir de um contexto cristão, europeu e latino, como fez Mário Santiago de Carvalho, poderia ter levantado suspeitas: em meio à guerra travada contra o terrorismo, talvez Carvalho estivesse a dar sinais de simpatia para com o Terror. Sinais de simpatia são de facto verificáveis na obra de Carvalho, cuja primeira edição data de 2006, em meio a cheias de sangue e tempestades de areia no Oriente Médio. Contudo, com esta obra o autor nem revelou simpatia por qualquer modo de terror ou violência nem pretendeu avançar em ato de camaradagem com os seus perpetradores. Trata-se, isso sim, de uma obra de apresentação da história da *falsafa* que visa transpassar os tapumes da academia e produzir um real impacto junto do grande público: fomentar o reconhecimento do papel da filosofia enquanto antídoto face à violência bem como enquanto agenda para responder aos desafios que se colocam no século XXI, entre os quais o de combater o “insustentável disparate” que é a nocente interpretação do fundamentalismo terrorista “no exclusivo quadro religioso” (p. 15). Em 2020, a revisão da obra para a segunda edição não deixa entrever uma mudança de posição por parte do autor, mesmo tendo a lista de atentados terroristas ao longo do mundo continuado a aumentar de ano para ano, alimentando o fogo em que se cozinham os insustentáveis dispartes da islamofobia. Como disse

Carvalho, os “atrozes lugares-comuns que tudo confundem” disseminaram-se cada vez mais desde o 11 de setembro, mas há que evitar “cair no desprezível equívoco de comparar o incomparável”, e por isso Carvalho procurou não apenas fazer uma contribuição para a “divulgação de conhecimentos elementares”, mas também sustentar que “a filosofia ainda é a palavra da libertação do Islão de hoje”, sustentação esta que, segundo o autor, “se quer alheia a qualquer atitude «colonizadora»”, razão pela qual Carvalho invocou uma lição da história da filosofia: “a latinidade europeia aprendeu com o Islão o apreço pela racionalidade, que autonomizou o ser humano e que, libertando-o de pesados atavismos, o poderia ter tornado naquilo que ele sempre deveria ter sido”, isto é, apenas e só “mais humano” (*ibidem*). O IEF trouxe *Falsafa* ao acesso aberto no final de 2020. Nesta obra, assumindo uma postura de diálogo e atento à acessibilidade da sua investigação para o público em geral, Carvalho apresentou de forma didática a vida, o pensamento e a época de uma série de filósofos: Alquindi, Rhazes, Alfarabi, Avicena, Algazel, Avempace, Abentofail, Averrois, Ibn Khaldun e Ibn As-Sid.

3.

Floyd Merrell, autor de várias obras especializadas que se dedicou, em fase final de carreira, à redação de obras voltadas para o grande público, afirmou ser certo que os humanos estão aptos a comunicar. No entanto, conforme ele sugeriu, são diversos os índices de sucesso nas comunicações². De acordo com Robert Lane, toda a comunicação de sucesso envolve simultaneamente um enunciador e um intérprete, havendo sempre no mínimo *dois sinais/códigos (tokens)* distintos referentes ao mesmo “pensamento-tipo” que se pode partilhar e que é externo em relação aos interlocutores: uma ideia na mente do enunciador e a interpretação na mente do intérprete³. Assim, tudo indica que o grau de sucesso de um esforço de comunicação só poderá ser apurado se for possível *i)* identificar os pensamentos-tipo a que as ideias nas mentes do enunciador e do intérprete simultaneamente se referem, tal como *ii)* aferir o nível de aproximação entre as ideias e os pensamentos-tipo. Desde já nos declaramos impotentes para enfrentar aqui o desafio de aquilatar o sucesso do esforço de comunicação de Carvalho sob semelhante prisma. Tal exigiria uma maior disponibilidade do que aquela de que agora dispomos. Partindo de uma perspectiva mais pobre, mas com a vantagem de ser mais exequível, *não teremos* como ponto de partida a seguinte questão: podem os pensamentos-tipo a que se referem as ideias na mente do nosso enunciador, Mário

² Cf. Floyd Merrell, *Peirce, Signs, and Meaning* (Toronto e Buffalo: University of Toronto Press, 1997), 18.

³ Cf. Robert Lane, “Peircean Semiotic Indeterminacy and Its Relevance for Biosemiotics”, in *Peirce and Biosemiotics: A Guess at the Riddle of Life*, org. Vinicius Romanini e Eliseo Fernández (Dordrecht: Springer, 2014), 69.

Santiago de Carvalho, ser os mesmos daqueles aos que se referem as ideias na mente do nosso intérprete, isto é, o público geral?

Seja-nos, por isso, permitido reformular, de modo a assumir a forma de uma proposta assertiva e reduzir um pouco mais a abrangência do intento de modo a viabilizá-lo: identificaremos algumas das mais gerais e acessíveis ideias que norteiam a obra de Carvalho enquanto obra de divulgação e procederemos à sua apreciação crítica de modo a ensaiar uma resposta, elementar, mas avisada, que esteja à altura da questão sobre a acessibilidade da sua obra para o público geral. Uma última consideração no âmbito deste sucinto desiderato prende-se com o nosso intérprete, pelo que procuraremos sondar com justiça a caracterização desse grande público, não só nas próximas linhas, mas também ao longo das linhas da seguinte secção, já de pendor mais valorativo. Para já, importa referir aquilo que o nosso intérprete não é, rejeitando a insigne tese de que o “público em geral” deve ser idealizado em referência a uma mentalidade-tipo de uma criança de onze anos de idade. Acreditamos que não há uma relação compulsória entre a idade e a inteligência, o grau de especialização ou a capacidade de compreensão de estruturas complexas de sinais, como configura a monografia de Carvalho. A idade, aqui, não servirá de medida para traçar o perfil do grande público. Por um lado, não saberíamos como colocar-nos nessa posição, que parece ter um valor sobretudo retórico, não metodológico; e, por outro, cremos que uma criança de onze anos que tivesse recebido formação continuada numa área, como a física ou a história da filosofia, durante dois ou três anos, já teria vivido o suficiente para se envolver numa relação de comunicação bem sucedida com um texto destinado a um leitor diferente daquele que é *o nosso*: o não-especialista. Somos, porém, compelidos a assentir a algo que se pode depreender da popular proposta de entender o grande público como se se tratasse de uma criança de onze anos: apenas dificilmente o público não-especializado, intérprete idealizado da enunciação quando se trata de comunicar ciência, poderá ser equiparado ao perito, que são o nosso enunciador e os pares. De qualquer forma, o caminho pelo qual seguiremos é francamente modesto, pelo que não procuraremos revelar quaisquer segredos sobre as idades mentais do autor e do grande público, mas tão só desenvolver algumas reflexões sustentadas na nossa própria apreciação da obra a que Carvalho se referiu como “despretensiosa síntese”(p. 9) ou “pequena obra de divulgação”(p. 19). A mente-tipo do público geral será, aqui, *a minha*, a que doravante designarei de “não-especialista”, e que procurarei tornar cobaia digna desta lacónica experiência valorativa.

4.

Esta obra é orientada para a apresentação da *falsafa* arábico-islâmica. “Falsafa” é o termo árabe destinado à transcrição do grego *philosophia*. O qualificativo composto “arábico-islâmica”, por sua vez, delimita o ângulo de incidência da investigação de Carvalho. Não se trata, nesta obra, de apresentar a história da filosofia como

um todo, mas dar a conhecer uma tradição filosófica em particular. O não-especialista sabe estar, desde o primeiro momento, perante uma aproximação comedida a um objeto bem traçado, pois a obra não aparenta ser exaustiva, especialmente se tivermos em conta que promete apresentar vários autores e as correspondentes épocas. Não será muito menos provável que o não-especialista se venha a debruçar sobre um pesado alfarrábio do que sobre uma obra de espessura mais discreta, como é o caso de *Falsafa*, composta por menos de duzentas páginas em ambas as edições? Não será também uma vantagem, do ponto de vista do não-especialista, que tal obra aborde várias épocas e autores, ao invés de constituir um longo estudo sobre um só pensador ou pensadora? Estamos desde logo, ao que tudo indica, perante um ponto a favor de Carvalho na avaliação da sua obra sob a ótica da comunicação de ciência. Uma obra que pretende comunicar ciência para o não-especialista tem que parecer estar composta para fazê-lo, ou seria necessário ser especialista em reconhecer obras de divulgação que não parecem sê-lo. Ser a obra que o não-especialista procura é ser dirigida ao próprio. Imagine-se que o nosso não-especialista ficou entusiasmado com o título da obra, que promete estar disposta por forma a dar-lhe a conhecer uma tradição filosófica em específico; decide, então, visitar o índice.

Sob o título de “Sumário”, *Falsafa* afiança nas linhas e entrelinhas que quem percorrer o caminho da leitura desta despreziosa síntese adquirirá uma noção isagógica da vida, do pensamento e da época ou “era” em que se situam Alquindi e os demais filósofos acima elencados. Assim, o sumário acaba também por segredar ao não-especialista que, por via da articulação de conhecimentos relacionados a um elenco de pensadores, o mesmo poderá adquirir uma noção válida sobre a tradição filosófica arábico-islâmica. Se assim é, estamos então perante um outro ponto favorável ao sucesso do esforço de divulgação de Carvalho, que é o facto de que este mantém o desenvolvimento do objeto de investigação, que é bem delimitado, de uma forma estável ao longo da obra. A capacidade de garantir uma certa estabilidade, como sugeriu Björn Johnson, é essencial para que a comunicação seja possível⁴. Mesmo considerando que Carvalho marca pontos por força do semblante, da demarcação do objeto e da consistência, há que ter em conta que o *corpus* original que compõe a tradição estudada se encontra em língua árabe. À primeira vista, este é um ponto desfavorável para uma obra de divulgação ter sucesso num contexto lusófono. Contudo, a obra aponta para o não-especialista que seja capaz de ler em língua portuguesa, não exigindo qualquer nível de conhecimento da língua árabe. Ainda assim, é verdade que pode ser levantada a suspeita sobre o empreendimento de Carvalho ser um tanto ou quanto descabido, podendo surgir o questionamento sobre a pertinência de produzir uma obra de divulgação dedicada a tais matérias para o grande público lusófono. Ora, para além das particularidades do caso português, cuja

⁴ Cf. Björn Johnson, “Institutional Learning”, in: *National Systems of Innovation: Toward a Theory of Innovation and Interactive Learning*, org. Bengt-Åke Lundvall (Londres: Anthem Press, 2010), 26-27.

história é inseparável do mundo arábico-islâmico, há que ter em conta que a *falsafa* resultou do contacto do Islão nascente com a produção científica e filosófica helénica (p. 9-10; 25; 42-43; 145), o que constitui um elo comum entre os povos filosofantes. Para além disso, a tradição filosófica arábico-islâmica desempenhou um papel fundamental ao longo da história do desenvolvimento científico na Europa e no mundo (p. 10; 37). Assim sendo, esta obra apresenta particular interesse não apenas para o não-especialista lusófono mas também para o não-especialista em geral, mas para que este último pudesse ser agraciado com o resultado do trabalho de Carvalho, a língua inglesa, pelo menos, teria que ser presenteadada com uma tradução de *Falsafa*. Infelizmente, não temos notícia de qualquer projeto em curso neste sentido.

Robert Martins Junqueira

Unidade I&D – Instituto de Estudos Filosóficos (IEF-FLUC)

Email: martinsjunqueira2@gmail.com

ORCID: 0000-0003-1944-654X

DOI: https://doi.org/10.14195/0872-0851_60_15